

DESILUSÃO

CADÊ MINHA CASA? CADÊ MINHA VIDA?

Morando de favor
Luciana e a filha Sara aguardam a entrega de um conjunto habitacional em Linhares **FOTO:** Marcelo Prest

Atrasos e erros adiam sonhos de mais de 7 mil famílias no Estado

/// MIKAELLA CAMPOS
/// RAQUEL LOPES

Na humilde casa de madeira, de apenas um cômodo, em Olaria, bairro pobre de Linhares, Lucileia Custódio da Silva, de 51 anos, mora com a filha, dois netos e o genro. A família dela foi uma das 1.591 contempladas com um imóvel do Minha Casa Minha Vida (MCMV) na cidade. Só não sabe quando o papel que comprova o direito dará lugar a algo mais concreto, como as chaves e a escritura da residência, já que menos da metade das unidades contratadas foram entregues no Estado.

Demora na construção, causada por erros no projeto e falhas na escolha do terreno, são rotinas no principal programa habitacional do país e prolongam as incertezas sobre a sua eficiência. Desde o lançamento em 2009, 80 projetos urbanos, com 14.278 unidades, fo-



Em Linhares, matagal cobre os empreendimentos com obras inacabadas

ram aprovados para atender famílias com renda mensal de até R\$ 1.800 no Espírito Santo, a faixa 1 do MCMV. No entanto, 47 conjuntos, com 7.301 casas e apartamentos, estão com as obras além do tempo previsto. Há atrasos que chegam a quase cinco anos. Dos imóveis em obra, apenas 204 estão dentro do prazo.

Em todo o país, as falhas na gestão do programa deixam rastros de problemas que adiam os sonhos da população em situação vulnerável de viver em uma moradia digna. No Estado, além dos atrasos, o programa é cercado por conflitos e anomalias, como obras abandonadas, em processo de deterioração, por causa

de falência de construtoras. Há ainda conjuntos habitacionais ocupados ilegalmente por gente que atende aos critérios do MCMV, mas não foi escolhida por não estar na lista de prioridades. Também pode-se encontrar histórias de pessoas que venderam ou alugaram para terceiros as unidades conquistadas, desrespei-

MARCELO PREST

OS NÚMEROS

74.287

déficit habitacional

É o número de famílias de baixa renda sem moradia própria no Estado. Cerca de 6,5 mil vivem em casas precárias.

14.278

imóveis prometidos

Foram contratados para famílias com renda mensal de até R\$ 1,8 mil desde 2009 no Estado.

7.301

imóveis atrasados

É o número de unidades urbanas com obras atrasadas no Estado.

tando normas federais.

Os empreendimentos de Linhares são os mais emblemáticos e dão uma pequena amostra dos prejuízos para os cofres públicos. Investimento na ordem de R\$ 62 milhões, os conjuntos Mata do Cacau e Rio Doce, contratados há seis anos, são alvos de investigações por suspeitas de irregularidades na compra dos terrenos.

A conclusão dos condomínios estava prevista para março de 2012, mas a obra ainda não terminou. A última promessa do governo federal é de que as unidades ficarão prontas até março do ano que vem, cinco anos depois do planejado. Nos terrenos, o mato alto cobre as casas, algumas ainda sem calçadas e apresentando fissuras, resultado da morosidade nas obras e de um impasse que dura quatro anos.

Em junho, os conjuntos

MARCELO PREST



Jucélia com o genro e as netas: família aguarda moradia há cinco anos

voltaram a ser canteiros de obras. Uma ação civil ajuizada pelos Ministérios Público do Estado e Federal garantiu o início de intervenções nos terrenos, que ficam à margem do Rio Doce e estão sujeitos a enchentes, fatos que aconteceram pelo menos duas vezes em 2012 e levantaram suspeitas de irregularidades na compra da área, que foge aos padrões do programa por estar em área de proteção ambiental. Um dique para evitar alagamentos está em construção, mas o procedimento não é capaz de acabar com a angústia dos beneficiários.

“Pago R\$ 200 de aluguel nessa casa de madeira, não tenho segurança, mas preciso ficar até eles entregarem a casa com a qual fui contemplada. Quando receber o imóvel, vai aliviar a minha situação porque esse dinheiro vai ajudar em outras des-

pesas. Mas ninguém nos fala quando as casas vão sair”, afirma Lucileia.

Morando numa casa emprestada e precária, Luciana Pereira dos Santos também aguarda ansiosa pelas chaves de sua nova residência. “Fui contemplada e já participei de cinco reuniões, mas até agora não deram prazo para o fim das obras. Eu moro de favor na casa de minha sogra. Para ajudar nas despesas, eu recebo o Bolsa-Família. Com essa casa, vou ter meu cantinho para viver com as minhas filhas”.

O caso de Linhares é o mais grave do Estado. No entanto, existem outros que levantam preocupação semelhante, como em São Mateus. O empreendimento, Solar de São Mateus, com 500 unidades, está com as obras paradas. A construtora faliu e abandonou o projeto, que está há mais de três anos fora do prazo.

ANÁLISE

Baixo índice de término de obras

Os dados do Minha Casa Minha Vida mostram que o município de Linhares foi um dos que mais recebeu recursos para a construção de imóveis ao passo que Vila Velha e Cariacica, que têm alta demanda por moradia, receberam muito pouco. No entanto, o que chama a atenção é que Linhares, apesar de ser um dos mais privilegiados pelo programa, destoa, por ter entregado apenas 15% do que foi contratado”

ANTONIO MARCUS MACHADO
PROFESSOR DA UUV E ECONOMISTA

OBRAS EM RITMO LENTO

Falta de dinheiro desacelera construção de novos imóveis

MARCELO PREST

Com 6.773 unidades urbanas entregues no Estado nas duas fases do programa, o Minha Casa Minha Vida apresenta há anos um quadro complicado para aprovação de projetos e para finalização das obras. A crise econômica do país e o déficit fiscal piorou o cenário de ineficiência e burocracia. Sem dinheiro, o governo federal atrasou repasses a empreiteiras, que reduziram a velocidade de produção em 2014 e 2015. A normalização dos pagamentos neste ano não foi capaz de recuperar o ritmo de atividades.

O endividamento da União postergou para 2017 o lançamento da terceira fase do ‘Minha Casa’, que estava previsto para ocorrer no ano passado. Em vez de um milhão de imóveis, apenas 600 mil devem ser construídos para todas as faixas de renda. Desses, apenas 100 mil serão voltadas para quem ganha até R\$ 1,8 mil por mês.

“A falta de recursos fez com que muitas empresas não tivessem fôlego para trabalhar, o que atrasou as entregas. Mas uma das maiores dificuldades do programa é aprovação de projetos pelas prefeituras e Caixa, que demora anos para ocorrer”, explica o empresário João Roncetti, diretor de habitação social do Sindicato da Construção Civil (Sinduscon).

Para o Espírito Santo, o setor da construção civil espera um programa mais mingüado. Menos de mil unidades devem ser construídas na nova etapa do programa para o público mais pobre. Número insuficiente para erradicar o déficit habitacional do Estado, hoje de 74.287 casas, segundo levantamen-



Sem casa, Edmar e os filhos estão em condição precária

to do Instituto Jones dos Santos Neves ainda em elaboração.

Ainda que todos os imóveis em obras sejam entregues, cerca de 60 mil famílias, aproximadamente 200 mil pessoas, continuarão excluídas do sistema.

A situação que mais preocupa é a de 9 mil famílias (quase 30 mil pessoas) que vivem em habitação precária ou em adensamento residencial excessivo, como a família de Edmar Gomes, de 29 anos, que mora na casa dos pais, com a esposa e os dois filhos.

“Eu tenho esse terreno aqui na beira do Rio Aribri. Mas não tenho dinheiro para construir, pois estou há um ano sem emprego. Espero um dia ser atendido pelo Minha Casa Minha Vida para dar mais confort-

to aos meus filhos”.

O estudo do Instituto Jones será usado pelo governo do Estado para a implementação de políticas de moradia que reforçam o ‘Minha Casa’. “É factível começar a trabalhar primeiro com as famílias que vivem em situação precária. Com a quantidade de unidades do Minha Casa Minha Vida em obras é possível reduzir o déficit pelo menos para esse público”, explica a diretora-presidente do instituto, Andrezza Rosalém Vieira.

Segundo o Ministério das Cidades, o programa habitacional deve continuar. A prioridade será garantir a continuidade dos projetos contratados e retomar as mais de 50 mil casas com obras paralisadas em todo o país.

DESILUSÃO

DESEMPREGO INFLAMA DISPUTA POR MORADIA

Sem renda, famílias invadem conjuntos em obras

MIKAELLA CAMPOS
RAQUEL LOPES

Na fachada, a frase “já tem dono” tenta, em vão, desempenhar o papel de escritura e preservar a posse temporária que Eudson Muniz conquistou ao ocupar ilegalmente com a mulher Stefani Silva e os dois filhos pequenos, um imóvel do Minha Casa Minha Vida, em Colatina. O desemprego foi o que motivou a atitude extrema dele, que não é beneficiário do programa. Mas as marcas na parede não foram capazes de impedir que o casal e outras 400 famílias fossem retiradas do empreendimento, há duas semanas, que está com as obras há quase três anos atrasadas.

Parte das pessoas que invadiu o loteamento Nilson Soella III não se inscreveu na prefeitura para disputar o direito às moradias que já estão reservadas a outras famílias também pobres.

Por dois meses, o grupo ficou morando no local em situação precária, com esgoto a céu aberto, sem coleta de lixo, sem energia elétrica e sem água encanada. Os ocupantes contam que, ao chegar no local, encontraram o empreendimento, que tem 97% de índice de conclusão, com sinais de depredação.

Colatina é um dos municípios do Estado que mais aprovou empreendimentos do Minha Casa Minha Vida. Foram 2.258 unidades con-



O catador de papelão João Batista Gomes lava roupa em um dos condomínios invadidos de Colatina

tratadas desde 2007, mas somente 1.348 foram entregues até agora. No dia da reintegração de posse, a prefeitura designou uma equipe para acompanhar as famílias. Agora, está consultando a Justiça eleitoral sobre a possibilidade de abrir novos cadastros antes das eleições de outubro.

“Eu não tenho para a onde ir. Não estaria aqui, sem energia, se tivesse condições de pagar um aluguel”, desabafa Eudson.

O drama de não saber o

que fazer é compartilhado por João Batista Gomes, de 28 anos, que saiu da prisão há um mês. Ele está tentando voltar ao mercado de trabalho. Enquanto isso não acontece, vive com a esposa e dois filhos com uma renda de R\$ 100 por mês. Para conseguir alimentar a família, o jeito é bater de porta em porta para pedir comida e pegar papelão na rua.

“A gente não tem esperança de conseguir uma casa. A gente não quer nada de graça. A gente quer

uma moradia que dê para pagar. Mas ninguém está olhando por nós”, reclama.

Marlon Antônio Mascante foi um dos ocupantes das casas do loteamento Nilson Soella III. Com dificuldade para pagar o aluguel e como dinheiro ainda mais curto após uma operação na coluna, ele decidiu, com a esposa e duas filhas, ocupar uma das casas. Após a reintegração, ele voltou a pagar aluguel no bairro São Marcos.

Em Colatina, outros

dois empreendimentos também estão com as obras atrasadas. São os loteamentos Afrânio Baião I e II, com 1.400 unidades. Os contratos foram assinados em 2013, mas a construção não avançou.

OUTRO LADO

A Caixa foi procurada para justificar os atrasos nos empreendimentos, mas até o fechamento desta edição não se pronunciou sobre esses problemas.

MARCELO PREST

OS ATRASOS

4,5 anos

Mata do Cacau e Rio Doce em Linhares

É o tempo de atraso na entrega dos empreendimentos, que tiveram os contratos assinados em 2010 e teriam que ficar prontos em 2012. Os terrenos onde estão os residenciais são área de cheia do Rio Doce. Foi necessária a construção de um dique para impedir enchentes.

3,5 anos

Apolonio de Carvalho em Cariacica

Empreendimento com 120 unidades, em obras desde 2011, deveria ter sido entregue em 2013.

3,5 anos

Solar de São Mateus

Construtora faliu e abandonou o projeto que está com 80% das obras concluídas. Empreendimento, que tem 500 unidades, começou a ser construído em 2012 e tinha prazo para conclusão em 2013.

2,7 anos

Otílio Roncete I, II e III em Cachoeiro

Os três conjuntos habitacionais estão em obras desde 2012. A data inicial para a entrega das 1.024 unidades era 2013.

2,5 anos

Nilso Soella III em Colatina

Empreendimento que foi invadido há dois meses está em obras desde 2012. O prazo da entrega seria em 2014.

2,5 anos

Residencial Jocafe em Linhares

Com 609 unidades, loteamento está com 88% das obras concluídas, mas prazo final de entrega era em 2014.

2,2 anos

Residencial Nair Tosta Belfi em Aracruz

Em obras desde 2012, prazo de entrega das 348 unidades acabou em 2014.



Eudson com a esposa e os filhos: “Eu não tenho para onde ir”. Também em Colatina, Marlon, sem dinheiro, invadiu um condomínio



MARCELO PREST

MARCELO PREST



Colatina é um dos municípios que mais aprovou empreendimentos do Minha Casa Minha Vida, 2.258 unidades, mas somente 1.348 foram entregues até agora

MOFO E DEFEITOS ROUBAM A PAZ

Beneficiários vivem em apartamentos com infiltração e vidros quebrados

« O cheiro forte de mofo dá a sensação de que os apartamentos do condomínio Residencial Vila Velha 2 estão há anos sem manutenção. O empreendimento, no entanto, foi entregue em junho do ano passado com vários defeitos que têm prejudicado o bem-estar das famílias beneficiárias do programa Minha Casa Minha Vida. Quase todas as unidades do conjunto estão com infiltração, pisos soltando, azulejos que descolam das paredes e gesso do teto se desfazendo.

Na casa de Rosanea da Silva de Souza, 40 anos, a umidade que domina as paredes atrai pequenos insetos, quase imperceptíveis, mas que provocam estragos na saúde da filha da dona de casa, a jovem Tatiani, de 16 anos. A menina, que tem dificuldades devido à paralisia cerebral, está ficando ainda mais doente.

Com o marido sem emprego, Rosanea paga as despesas da casa com o Benefício da Prestação Continuada de Tatiani. “Estou

com duas prestações do apartamento atrasadas e duas taxas de condomínio, pois os gastos com remédios de Tatiani aumentaram. O sistema respiratório dela está comprometido por causa desse forte mofo”.

Rosanea conta que procurou a Caixa para reclamar dos problemas no apartamento. Um engenheiro do banco foi até o local, mas ela ainda não recebeu resposta sobre quando os reparos vão ser realizados. “Os bichinhos estão entrando no ouvido da minha filha enquanto ela dorme. Já gastei o que tinha e o que não tinha para pintar essas paredes e tentar acabar com o mofo. Mas a infiltração volta”.

Os graves defeitos no apartamento quase provocaram um grave acidente com o filho de Solange de Paula, de 37 anos. A pia da cozinha despencou na hora que o menino, de 3 anos, estava no local. “Minha preocupação agora é com os vidros das janelas. Estão trincados e quase caindo, pois as

TRANSTORNO

“A falta de qualidade da obra é um transtorno diário que temos que administrar no condomínio”

MARIA APARECIDA
SUBSÍNDICA

borrachas estão soltas”, conta a mutuária, que reclama também de mofo, infiltração, azulejos mal colocados e de uma tomada elétrica na cozinha que não funciona.

A moradora Maria Aparecida Serafim, subsíndica do residencial, revela que a má qualidade da obra traz queixas frequentes para a administração. “Os moradores acreditam que é responsabilidade do condomínio resolver os problemas. O empreendimento está na garantia, mas, como falhou, a construtora nunca voltou para fazer os consertos”, diz, acrescentando ainda que, em um dos apartamen-

tos, o gesso do banheiro caiu. “A dona do imóvel está acamada e não consegue nem buscar seus direitos”.

As falhas de obra não são exclusividades desse empreendimento. Um relatório do Tribunal de Contas da União mostrou que vários conjuntos no Estado foram entregues com irregularidades, com desrespeito às normas de acessibilidade, além de problemas estruturais, como rasgos nas alvenarias que poderiam comprometer a estabilidade do imóvel.

Segundo a Caixa, a instituição recebeu reclamações sobre danos físicos no empreendimento de Jabeté por meio do Programa de Olho na Qualidade. Diante da falta de atendimento de parte das reclamações pela empresa, está em andamento a contratação de outra construtora para efetuar os reparos.

LEIA AMANHÃ
Sequência de atrasos gera brigas: Há conflitos por dinheiro e também dentro dos condomínios

MARCELO PREST



Pia desabou

A mutuária Solange de Paula conta que logo após ter recebido as chaves do imóvel, em junho do ano passado, a pia da cozinha caiu. “Foi um grande susto, pois quase despencou em cima do meu filho.”

MARCELO PREST



Saúde comprometida

Rosanea da Silva de Souza reclama que a saúde da filha Tatiani de Souza, de 16 anos, piorou após a mudança para o apartamento, que apresenta mofo devido à infiltração.